

MIGUEL FRANCO

O MOTIM



Publicações Europa-América





ULFLOR 00397



os livros das três abelhas

MIGUEL FRANCO

O MOTIM

2.^a edição

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A peça *O Motim* foi representada no Teatro Avenida, de Lisboa, pela Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro, de 6 a 10 de Fevereiro de 1965, com encenação de Pedro Lemos, realização plástica de José Barbosa e a seguinte distribuição:

Do motim:

TOMÁS PINTO	Raul de Carvalho
O «PROFETA»	Manuel Correia
PÁSCOA	Lurdes Norberto
CAETANO MOREIRA DA SILVA	Carlos Rosa
ANTÓNIO DE SOUSA, O «NEGRES»	Benjamim Falcão
O JUIZ DO POVO JOSÉ FERNANDES DA SILVA, O «LISBOA»	Pedro Lemos
ADVOGADO NICOLAU ARAÚJO	Canto e Castro
A «ESTRELADA»	Júlia Babo
MANUEL DA COSTA	Mário Jacques
MARCOS VARELA	Albino Santos
«CHETA», O MARINHEIRO.....	João Pedro Cascais
MARIA PINTA, MULHER DO «NEGRES»	Meniche Lopes
MICAELA, MULHER DO CAETANO	Cecília Guimarães
1.º HOMEM	Dario de Barros
2.º HOMEM	Carlos Fonseca
OUTRO HOMEM	Manuel Monteiro
UM POPULAR	José Capela
OUTRO POPULAR	João Vital

UM GAROTO	Carlos Queirós
OUTRO GAROTO	Carlos Fernando
HOMENS, MULHERES E GAROTOS DO POVO.	
MASCARADOS, TOCADORES E BÊBADOS.	

Outros:

FREI JOSÉ DE MANSILHA.....	Paiva Raposo
LUÍS BELEZA DE ANDRADE	José Cardoso
JUSTINO, MOÇO DE TABERNA	João Mota
UM FRADE	José Capela
FRADES, GUARDAS E CARRASCOS.	

Da Alçada:

PRESIDENTE DESEMBARGADOR JOÃO PACHECO PEREIRA VASCONCELOS	Luís Filipe
ESCRIVÃO DOUTOR JOSÉ DE MASCARENHAS PACHECO PEREIRA COELHO DE MELO	Varela Silva
CORONEL D. ANTÓNIO MANUEL DE VILHENA	António Teixeira
CORONEL LUÍS DE MENDONÇA FURTADO	Alberto Vilar
TENENTE-CORONEL JOÃO PINTO RUBIM.....	Costa Guerra
OFICIAL DE JUSTIÇA-ESCRIVÃO	Diogo Ary dos Santos
OUTRO OFICIAL DE JUSTIÇA	Fernando Fonseca
1.º SOLDADO DE INFANTARIA DO MINHO ...	Dario de Barros
2.º SOLDADO DE INFANTARIA DO MINHO...	João Pedro Cascais
OFICIAIS DE JUSTIÇA E BELEGUINS.	
OFICIAIS E SOLDADOS.	

Cidade do Porto, ano de 1757.

1.º ACTO

I PARTE

Quadro de abertura

No Porto. Entrudo de 1757. Manhã alta.

Adega atabernada. Grossas paredes de pedra e alvenaria. Maciços suportes de tectos abobadados.

Uma porta larga, no fundo, dando saída para a rua, para onde se sobe por uma rampa.

Uma escada de pedra subindo pela parede da esquerda, com um corrimão de madeira adaptado, dando acesso a uma galeria na parede do fundo, superior à larga porta da rua, com uma janela de sacada na mesma linha vertical daquela, e terminando na parede da direita por uma porta de comunicação.

No piso térreo, na linha daquela porta de comunicação do piso superior, uma outra porta pequena, aberta também na parede da direita.

Tudo o resto são paredes.

Um balcão de madeira grossa, à direita, à frente de uma fileira pesada de pipas e tonéis.

Dois pipos encanteirados à esquerda, deixando livre o acesso à escadaria de pedra.

Ainda à esquerda, uma mesa tosca, de madeira, comprida, ladeada de bancos corridos.

Duas mesas pequenas, quadradas, de madeira, junto ao balcão, com vários «mochos» de volta.

Mais «mochos» em profusão, a esmo, por toda a adega.

Bilhas e recipientes vários por cima do balcão.

Numa das mesas pequenas junto ao balcão, um homem velho — o PROFETA — sapateiro nas horas vagas do deambular cantador, filosófico e bêbado, pelas ruas da cidade. Está mascarado. A cara branca de alvaiade; as sobranceiras encarnadas.

A porta da rua, de costas, olhando para a esquerda, mão ao alto apoiando na ombreira, JUSTINO, moço da taberna.

PROFETA (*soerguendo a cabeça caída na mesa, entre os braços*) — Justino! Sai da porta, Justino!

JUSTINO (*vindo a ele*) — Diga lá!

PROFETA — Queres encher ou não um quartinho, só um?

JUSTINO — Não. Vossemecê já tem que chegue. (*Vai até ao interior do balcão.*)

PROFETA (*sem força para falar*) — Mentira. Só dizes mentiras. (*Silêncio.*) Isto acaba-se, olá se se

acaba! Pra que é que se quer o vinho?! (*Silêncio.*)
Ó Justino! (*Suplicante.*) ... Só um!

JUSTINO — Oh, homem! Vossemecê não tem brios?! (*Os pensamentos de Justino levam-no de novo para a porta.*)

PROFETA (*abanando que «sim» com a cabeça e quando Justino passa*) — ... E sede! (*Silêncio.*) Alguna vez se viu no Porto — no Porto, hã! — uma taberna não aviar vinho?! No Porto, hã! Querem dar cabo do povo! Ontem... lá em baixo... a mesma coisa! A mesma coisa... não!... — «Uma canada de vinho, ó Fermino!...» — Uma canada. (*Mima a canada que chega, que é pousada no balcão, e o gesto de a emborcar — e a seguir cospe enojado.*) Era água! «Que raio! Isto não é vinho!» (*Imita o Firmino*): «É o que há!» (*Silêncio.*) Ó Justino! Anda cá! Mata-me só as saudades!...

JUSTINO (*descendo a rampa*) — Vossemecê não precisa. Andou a afogá-las toda a noite. Já ontem lhe chegava com o dedo!

PROFETA — Ontem?! Olha ontem!... Hoje é que vai ser! Vai haver para aí uma barulheira que os da Companhia até trepam pelas paredes acima! Olá! Até hão-de pôr o vinho todo das adegas à discrição, pois então!... (*Subitamente repeso do que disse.*) Schiu! Mas isto é segredo, hã! (*Vê-se passar na rua um grupo de homens.*) Vai ser uma festa!...

(*Levanta-se cambaleante e esboça uns passos de dança, cantando.*)

Ó vinho solteiro
Ó água donzela,
Casa ela com ele
Casam ele com ela!...

JUSTINO — Olhe que eu mando-o prender, se vossemecê diz coisas da Companhia...

PROFETA — E medo?... Quem é que o tem?...
(*Canta.*)

Ó esposa tão fria
Qu'até me enregela
Casa ela com ele
Casam ele com ela!

A Companhia acabou-se! Vai para o Céu!...

JUSTINO — Isso é o que eles julgam! (*O Profeta, bêbado, continua dançando e cantarolando.*)
O Ti Tomás mete-se numa!... 'tiveram para aí a combinar ontem qualquer coisa!... Há sempre quem escute!... Eu, cá por mim, não há novidade, sou dos amigos, mas não me quero ver metido em barulhos...

PROFETA (*parando na frente dele*) — Então dá-me um quartilho!

JUSTINO (*num repelão*) — Ei! (*Vai à pipa e traz um quartilho de vinho que poisa na mesa.*) Pronto!

(*O Profeta bebe longamente, deliciadamente. Justino olha-o.*)

JUSTINO — Agora vá mas é lavar a cara! O Entrudo, a vossemecê, já o pôs pronto!

PROFETA (*estendendo-lhe uma moeda*):

Paga honrado sapateiro
O preço deste dedal
Feito de prata real
Cheio do vinho natural
Do que vende o aguadeiro!

(*Trôpegamente, encaminha-se para a porta.*)

JUSTINO (*metendo a moeda numa gaveta de campainha*) — Vá para casa, homem!

PROFETA — Prò buraco?!... Não! Hoje nem os bichos ficam nas tocas, rapaz!

JUSTINO — Então para onde é a ida?

PROFETA — Prà Rua do Olival!

(*Justino ajuda-o por um braço a subir a rampa.*)

JUSTINO — Não vá! Vossemecê 'tá muito rombo...

PROFETA — Quantas horas são?

JUSTINO — Hão-de estar a cair as dez.

PROFETA — Dez?! Eh, com mil raios! É agora!

(Um correr tropeçado para a rua — mais um sacão e desaparece para o lado esquerdo. Justino fica à porta, na postura anterior, o olhar apontado ao longe. Começam a ouvir-se sinos a rebate, hesitantes primeiro, desabalados depois. Gritos soltos, e mais e mais gritos e brados. Aproximam-se. Justino recua.)

PANO

II PARTE

O motim

Mesma cena do quadro de abertura. Só que a adega está mais desarrumada, tendo sofrido as idas e vindas tumultuosas da multidão. São duas horas da tarde do mesmo dia.

Em cena, JUSTINO, da parte de dentro do balcão. Dois homens, a beber. Uma mulher, a ESTRELADA, na porta da rua.

1.º HOMEM — Isto anda tudo doido, ó Justino! Avia-me lá, qu'inda agora a procissão vai no adro!...

(Justino poisa duas canecas no balcão.)

2.º HOMEM *(falando para a mulher)*. — Queres, ó Estrelada?

ESTRELADA — Não. *(Continua a olhar ao longe, ansiosamente.)*

(Os homens bebem apressados. Pagam e seguem pela porta fora.)

ESTRELADA — Não se ouve nada...

JUSTINO *(indo à porta)* — Estes estavam a dizer que está tudo à porta do Governador... *(Silêncio e olhar de amor de Justino para ela.)* Então... depois... queres ou não?

ESTRELADA — ...Não sei.

JUSTINO — Tens que mo dizer agora. Depois, não me há-de faltar quem queira...

ESTRELADA — Aproveita.

JUSTINO — Que é que queres mais?! Será como se fosse minha, a da Rua do Olival... O Ti Tomás fica na grande, a que está selada. Só vai buscar o terço à outra. A gente os dois resgata-a num momento... Então?

ESTRELADA — Deixa ver...

JUSTINO — 'tás para aí presa pelo Cheta, julgas que eu não sei!... Um moimante sempre embarcado!...

ESTRELADA — Oh, é o que mais me importa é ele!

(Começa a ouvir-se um repique alegre, brados, vivas e gritos. Aproximam-se. Justino está ainda uns momentos olhando e depois mete-se para o balcão. A Estrelada

espera. O ulular da multidão é agora ensurdecedor. A rua fica inundada e Estrelada é enrodilhada nos magotes que entram, enquanto mais gente passa lá fora e segue. Gente do povo enche a adega. Muitos mascarados, maltrapilhos, de caras caiadas ou enfarruscadas. Mulheres, desgrenhadas, descalças, descompostas. Garotos. Homens congestionados, enrouquecidos, rodeando «chefes». Continuam os vivas.)

TODOS — Viva o povo! Viva a Justiça! Abaixo os que não gostam do povo!

(Um arrebata a Estrelada, levanta-a ao ar. É o Cheta, o marinheiro.)

ESTRELADA *(no ar, atira os braços, gritando)* — Viva o povo do Porto!

(Ao grito, Justino levanta a cabeça, tem um olhar-relâmpago.)

TODOS — Viva! Viva o Porto!

UMA VOZ — Viva El-Rei!

TODOS — Viva! Abaixo os que roubam o povo! Abaixo a Companhia!

TOMÁS PINTO *(Taberneiro. Chefe. Da porta.)* — Prò lado! Prò lado! Deixem entrar! Dêem largueza ao nosso juiz!

(O povolêu abre alas, para deixar passar o grupo que traz numa cadeirinha o Juiz do Povo, José Fernandes da Silva, o «Lisboa».)

TODOS — Viva o Juiz do Povo! Viva El-Rei! Abaixo a Companhia!

JUIZ DO POVO — Viva El-Rei! Viva o Porto!

TOMÁS PINTO (*dominando tudo*) — Viva o povo do Porto!

TODOS — Viva!

JUIZ DO POVO — Agora vamos aquietar-nos! O Governador Chanceler já assinou! Assinou o que é justo! Assinou por El-Rei o que viu que era o bem do povo! O povo não quer mais nada! Quando há justiça, o povo não quer mais nada! Já temos a justiça de El-Rei! Viva El-Rei!

NEGRES (*homem novo, meio soldado, meio moço de taberna*) — Venha vinho! Todos bebem! Às mulheres pago eu!

MULHERES — Viva o Negres! (*Uma abraça-o.*)

NEGRES (*sacudindo-a*) — Chega para o lado! Vamos a isto!

UM HOMEM (*empunhando uma caneca vazia*) — Hoje ninguém paga! Hoje não há dono! Então a Companhia acabou ou não acabou?!

JUIZ DO POVO — Haja ordem!

TOMÁS PINTO — Bebam à minha conta!

JUSTINO (*indeciso*) — Ti Tomás!...

(*Um olhar de Tomás Pinto arruma o temor de Justino. Já o Negres vem de um tonel com uma caneca cheia. Muitos outros e algumas mulheres se precipitam para as pipas. As mesas e o balcão enchem-se de canecas de vinho. O Profeta, de caneca em punho, está rodeado de homens e garotio. Noutro grupo, um mascarado, tendo encaixada na cabeça uma fronte de toiro ornada de grandes cornos, marra noutro, que, em meio de grandes gargalhados, o domina e faz ajoelhar. Um trio de viola, ferrinhos e tambor toca e dá passos de dança. Um garoto deita a mão a uma caneca.*)

NEGRES (*repelindo-o*) — Larga!

TOMÁS PINTO — Deixa beber! Um copo aos garotos!

VOZES DE GAROTOS — Viva o Ti Tomás!

(*Tudo bebe. Vivas, risos, gargalhadas. Semi-loucura.*)

PROFETA — Coitados dos passarinhos!...

TOMÁS PINTO — Porquê, Profeta?

PROFETA — Porque não bebem vinho!...

(Grandes risos.)

UM HOMEM — Mas têm asas!

PROFETA *(levantando ao alto a caneca)* — Também tu, daqui a três destas.

VOZES — Viva o Profeta! Viva o maior bêbado do Porto!

NEGRES *(gritando)* — Ó Profeta, canta lá uma das tuas!

PROFETA *(bêbado)* — Não posso!

(Tem-se sentado na rampa, entontecido.)

VOZES — Levantem-no!

(Alguns pegam-lhe pelos braços.)

PROFETA *(já de pé)* — Homens do Porto!

VOZES — Canta! Canta!

(O grupo da viola, ferrinhos e tambor acerca-se.)

PROFETA *(ao do tambor)* — Tira para lá isso! Não deixa ouvir a viola!

(Estrelada está com o Cheta. Justino, por detrás deles, de caneca na mão, como todos, sente-se sem coragem para enfrentar o marinheiro.)

VOZES — Canta, Profeta!

PROFETA — Então eu vou cantar... às desgraças do Porto!...

VOZES — Acabaram-se as desgraças! Uma moda mais alegre!

PROFETA *(olhos tristes)* — Acabaram-se?!

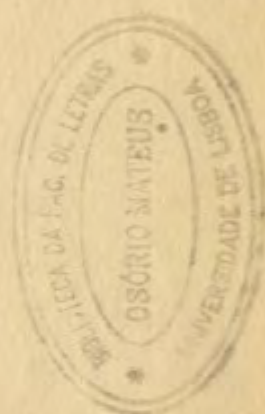
(O da viola faz mexer os dedos sobre as cordas, o dos ferrinhos fá-los tilintar; as mulheres e os homens, excitados e impacientes, enfrentam-se dando movimentos aos corpos, generalizando a ânsia de dançar que já tinha irrompido aqui e ali.)

PROFETA *(mais profundo)* — ... Acabaram-se!?...

(E volta a deixar-se cair, agora no chão, enquanto à sua volta tudo se agita ao ritmo da viola e dos ferrinhos e do tambor. Embriaguez. Frenesim. Sensualidade em desordem. Entra mais gente. Saem alguns. Movimento vivo.)

Edição n.º 2079/1228

*Este livro foi composto e impresso
na Sociedade Industrial de Tipografia, Lda.,
para Publicações Europa-América,
e concluiu-se
em Abril de 1965*



*Correspondendo ao bom acolhimento
dos leitores desta colecção,
estabelecem-se
modalidades especiais de assinatura.*

*Se estiver interessado
nesta nossa iniciativa,
peça-nos,
num simples postal,
o folheto elucidativo.*